



## EDUCAÇÃO E TDIC: UMA ANÁLISE DO ENSINO REMOTO A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DE DISCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Alyssandra Viana Fonseca<sup>1</sup>

Fernando Wanderson de Lima Costa<sup>2</sup>

Letícia dos Santos Carvalho<sup>3</sup>

Morgana Sousa de Melo<sup>4</sup>

### Resumo

A utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), ganharam grande destaque e passaram a ser consideradas como ferramentas imprescindíveis para o processo de ensino e aprendizagem, diante da adoção do ensino remoto em diversas instituições de ensino, devido à pandemia do Covid-19. Mas, qual a percepção dos discentes diante desse contexto? Nessa direção, o presente trabalho objetiva apresentar as questões elucidadas através das percepções dos discentes dos cursos de Letras, do CERES – Campus de Currais Novos, acerca desse formato de ensino, antes e após a experiência com este, destacando assim, seus pontos positivos, negativos e as dificuldades encontradas em meio à utilização das TDIC em sala de aula virtual.

**Palavras Chave:** Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Ensino remoto. Relatos de Experiência.

### INTRODUÇÃO

Diante do atual momento de pandemia, vivenciada no país e no mundo, devido ao novo coronavírus (COVID-19), uma nova configuração econômica e social foi instaurada, evidenciando ainda mais as desigualdades em diversos âmbitos, dentre eles, o da educação (SANTOS, 2020). Foram necessárias inúmeras mudanças e adaptações em todos os âmbitos da sociedade. Nesse

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, Língua Portuguesa | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | alyssandraviana01@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando em Letras, Língua Portuguesa | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | fernandowandersonlcl@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Letras do CERES | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | lleticia\_carvalho@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em Letras, Língua Portuguesa | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | morgana\_smcn@hotmail.com



contexto, compreende-se que a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), ganhou destaque e estas passaram a ser consideradas como ferramentas imprescindíveis para o processo de ensino e aprendizagem, nomeadamente no contexto escolar (DIAS; PINTO, 2020). Logo, uma das alternativas para essa nova realidade, foi a adoção do ensino remoto para o desenvolvimento de atividades acadêmicas diante das novas demandas educacionais.

Sendo assim, um novo modelo de educação pautado nas tecnologias digitais passou a ser instaurado, e novos comportamentos aprendidos “[...] para que as pessoas se adequassem à nova realidade social vivenciada a partir do uso intenso de determinado tipo de tecnologia” (KENSKI, 2003, p.02). Com os novos desafios, novas práticas educativas tiveram que ser reinventadas pelas instituições de ensino presenciais e novos modelos de estudos tiveram que ser adotados pelos alunos. Entretanto, o cenário desse novo formato de ensino (remoto), que valoriza completamente a utilização de recursos digitais, não se configura como uma realidade na vida profissional de muitos professores e dos discentes Além disso, o ensino remoto não pode ser concebido como o ensino a distância, tendo em vista que nele poderão ser utilizadas “plataformas já disponíveis e abertas para outros fins, que não sejam estritamente os educacionais, assim como a inserção de ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras” (GARCIA et al, 2020, p.05).

Considerando-se, a proposta do período suplementar excepcional, ofertada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em formato remoto, o presente trabalho é resultado de discussões a respeito das experiências dos discentes dos cursos de Letras (Português e Inglês, Língua Portuguesa e Língua Espanhola) do CERES – Campus de Currais Novos, acerca desse formato de ensino e, desse modo, objetiva apresentar as questões elucidadas através dos relatos destes, antes e após a experiência, de modo a considerar os seus pontos positivos e negativos.



## **METODOLOGIA**

No que se refere aos aspectos metodológicos, utilizamos dados coletados em uma pesquisa realizada em 2019, pelo Grupo de Trabalho de Inclusão e Acessibilidade (GTA Currais Novos), de modo a elucidar o total de alunos ativos no CERES, Campus de Currais Novos. Além disso, realizamos a aplicação de dois questionários, um em junho e outro em agosto de 2020, através do Formulários Google, com os discentes dos cursos de Letras, do CERES – Campus de Currais Novos da UFRN, enviados por e-mail, totalizando 172 participações.

Ambos os questionários partiram de questionamentos que buscavam identificar a opinião dos participantes acerca da experiência com este, ou seja, os pontos positivos e os negativos (caso houvesse). Nesse sentido, para a análise e sistematização dos dados coletados, utilizamos os gráficos produzidos automaticamente pelos “Formulários Google”, em perguntas objetivas, e criamos categorias semânticas para agrupar as respostas referentes às questões discursivas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados recolhidos inicialmente pelo GTA, em 2019, revelaram que, dos 247 alunos e alunas respondentes, que cursavam Letras, 87% eram moradores da zona urbana e 13% da zona rural. A pesquisa realizada pelo GTA também evidenciou que do total de alunos, 91,2% acessavam a internet do campus da UFRN, e 84,6% acessavam de casa. Esses primeiros dados já trazem preocupação, pois 15,4% dos discentes não possuem internet em casa, o que seria um empecilho para a participação no ensino remoto.

A partir da análise de dados coletados acerca da visão dos discentes, foram evidenciadas tanto as possibilidades como os desafios desse formato emergencial. No que se refere às possibilidades 37,5% dos discentes relataram a comodidade como fator de grande relevância, considerando-se que no campus de Currais Novos muitos dos discentes residem em cidades circunvizinhas. O



aproveitamento do tempo também foi evidenciado como fator preponderante (39,3%), seja o tempo de se retomar as aulas e assim dar continuidade ao curso, seja aproveitar o tempo que se estava em casa, em outras atividades. O formato remoto também foi relevante para o desenvolvimento da autonomia estudantil (15,2%), bem como o conhecimento/vivência de novas metodologias de ensino e aprendizagem (25,5%). Apesar das possibilidades destacadas pelos discentes, 5,1% dos participantes consideram que não houve nenhuma vantagem.

Os desafios também foram evidenciados no formato remoto. 28,9% consideram o ambiente doméstico como principal obstáculo, seja pelos barulhos, apoio da família, local adequado para os estudos. Esse fator soma-se ao trabalho doméstico e a uma nova organização de vida que tem sido um desafio para muitos. Uma das pessoas participantes faz a seguinte síntese sobre os desafios: *“A internet instável na hora da aula síncrona. Filhos perturbando. Muito conteúdo pra dar conta num curto espaço de tempo”*. Essa resposta sinaliza para o principal desafio vivenciado pelos discentes: Acesso a equipamentos e recursos digitais, (49,6%). Mas os desafios não param por aí: 32,7% relataram a dificuldade com a metodologia utilizada pelos docentes, as quais muitas ainda estão próximas ao ensino presencial, não se adequando ao atual contexto. 15,5% consideram que o aprendizado foi prejudicado, sendo que o tempo e carga excessiva de atividades (36,2%) mais prejudicaram que contribuíram para a apreensão do conteúdo proposto. A falta da convivência foi apontada por 17,2% dos participantes, ao passo que a saúde física e mental, por 13,7%. Uma parcela dos respondentes (3,7%) considera que não houve vantagem nesse formato de ensino e 6,8% sinalizando que o formato remoto só contribui para cristalização das desigualdades sociais.

Desse modo, no primeiro questionário, a maioria dos discentes relataram que desejavam e/ou tinham a possibilidade de participar do período letivo suplementar excepcional (90,6%), e 9,3% dos discentes responderam que “não”, justificando como empecilhos a falta de recursos tecnológicos necessários/adequados (62,7%), a falta de tempo (23,2%), bem como a falta de interesse (13,9%).



Entretanto, ao serem questionados, após à experiência, como vimos, 49,6% dos discentes relataram que a falta de equipamentos tecnológicos, internet de qualidade, bem como um ambiente de estudo que favoreça a concentração nas aulas, e conseqüentemente a aprendizagem foram aspectos que consideraram negativos. Assim sendo, parte desses alunos, mesmo tendo afirmado, a princípio, que não se matriculariam, o fizeram, e, como possível justificativa para isso, temos o fato de que estes não queriam atrasar o prazo de conclusão do curso e se desnivelar dos demais integrantes da turma, mesmo não tendo as mesmas condições de aprendizagem.

Nessa perspectiva, cabe citar também que, 82,2% dos alunos concordaram totalmente com a afirmação de que “as tecnologias digitais, quando utilizadas de forma equivocada, poderão afetar diretamente na aprendizagem do aluno”, 16,1% concordaram parcialmente e apenas 1,6% discordaram. Além disso, quando questionados se já tinham tido a experiência de utilizarem as TDIC, os recursos interacionais da internet, etc. no ensino superior, 53,3% responderam que sim, e, cabe destacar que um percentual também considerado significativo responderam que não (31,3%), os demais representam 8,4% (“às vezes”) e 6,7% (“raramente”).

Percebe-se então, através do recorte da pesquisa, um pouco das experiências desses alunos em meio a este novo contexto, pois, como citamos anteriormente, os dados apontam tanto para um cenário com possibilidades, voltadas para aprendizagem, quanto para um cenário com desafios, que elucidam as dificuldades encontradas na utilização das TDIC em aulas remotas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar da inserção e valorização das novas tecnologias digitais no contexto acadêmico, muitos acreditavam que esses já eram grandes passos para a melhoria na educação com o uso das TDIC. No entanto, com o surgimento da pandemia, foi possível fazer uma nova reflexão de como essas tecnologias estavam sendo inseridas e utilizadas na esfera acadêmica.



Desse modo, as informações da presente pesquisa são fundamentais para o planejamento dos professores, os quais devem pensar no ensino não para ou sobre os discentes, mas com os discentes, a partir de suas percepções e experiências. Só a partir dessa percepção é que as TDIC na educação, em especial no formato remoto, poderão contribuir positivamente no processo de ensino e aprendizagem, e não se tornar um obstáculo.

## REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. **Infância, Mídias e Aprendizagem**: Autodidaxia e Colaboração. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 29, n. 104-Especial, p.717-746, out. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 13 de agosto de 2020.

DIAS, Erika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **A Educação e a Covid-19**. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. vol.28 no.108 Rio de Janeiro Jul./Set. 2020, p. 545-554. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v28n108/1809-4465-ensaio-28-108-0545.pdf>>. Acesso em 23 de agosto de 2020.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto et al.. **Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas** [recurso eletrônico]— Natal: SEDIS/UFRN, 2020

KENSKI, Vani Moreira. **Aprendizagem mediada pela tecnologia**. Revista diálogo educacional, v. 4, n. 10, 2003. p. 1-10

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, PT: Almedina, 2020.